



ACESSIBILIDADE EM MUSEUS PARA DEFICIENTES VISUAIS E NEUROLÓGICOS – RELATO DE EXPERIÊNCIA DE VISITA AO MASP

Rodrigo Guimarães Motta¹

RESUMO

Este é um relato de experiência de um portador de deficiência visual e neurológica (deficiências essas não aparentes) sobre sua visita a um dos mais tradicionais museus brasileiros, o Museu de Arte de São Paulo (MASP). A partir desta experiência, pode-se observar que mesmo um museu conceituado como o MASP não apresenta o preparo necessário – tanto em aspectos físicos quanto no que se refere ao treinamento de seus colaboradores – para oferecer uma experiência adequada para o portador de deficiência em geral e para o portador da deficiência descrita no relato em específico. No estudo realizado, essa lacuna identificada é parcialmente coberta pela boa vontade e pela iniciativa dos próprios colaboradores do espaço. Assim, com base nas conclusões obtidas, recomenda-se que este artigo seja complementado por outras pesquisas em museus do Brasil e que, a partir de um diagnóstico robusto, sejam pensadas políticas museológicas que permitam aos portadores de deficiência participarem integralmente da visita aos museus.

Palavras-chave: Museus. Portadores de Deficiência. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This article is an experience report of a visually and neurologically impaired individual, whose impairment is not discernible, when visiting one of the most traditional museums in Brazil, the São Paulo Museum of Art (*Museu de Arte de São Paulo* – MASP). We can observe from the experience that not even such a distinguished museum is well prepared, not only regarding the physical structure of the building itself, but also its staff training, to provide an appropriate experience to handicapped individuals in general and to the one described in this particular report. In the study conducted, this gap is partially filled by the goodwill and initiative of the museum staff. Therefore, based on the conclusions obtained, it is recommended that this article be complemented by other surveys conducted in Brazilian museums, and that, after a firm diagnosis, museology policies be formulated in order to allow impaired individuals to fully enjoy a museum visit.

Keywords: Museums. Impaired Individuals. Experience Report.

RESUMEN

Este es un relato de experiencia de una persona con discapacidad visual y neurológica (discapacidades no visibles) en su visita a uno de los más tradicionales museos brasileños, el Museo de Arte de San Pablo (*Museu de Arte de São Paulo* – MASP). A partir del relato, se puede observar que incluso un museo de prestigio como el MASP no cuenta con la preparación suficiente – tanto en aspectos físicos como en lo que se refiere al entrenamiento de sus colaboradores – para ofrecer una experiencia adecuada para las personas con discapacidad en general y para el caso de la discapacidad descrita en el relato específico. En el estudio realizado, este vacío identificado es parcialmente oculto por la buena voluntad y por la iniciativa de los propios funcionarios del espacio. Así, en base a las conclusiones obtenidas, se recomienda que este artículo sea complementado por otras investigaciones en museos de Brasil y que, a partir de un diagnóstico sólido, se piensen políticas museológicas que permitan a las personas con discapacidad participar integralmente de la visita a los museos.

Palabras clave: Museos. Personas con Discapacidad. Relato de Experiencia.

¹ Doutor e mestre em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bacharel em Administração Pública pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP-FGV). Atualmente é diretor do Instituto Germinare.



INTRODUÇÃO

Esta é uma investigação acerca de iniciativas relevantes por parte de um dos principais museus do Brasil – o Museu de Arte de São Paulo (doravante MASP) – com o objetivo de facilitar a experiência de pessoas com deficiência visual parcial e neurológica. Para tanto, este estudo se desenvolve a partir do relato de experiência do autor, ele próprio possuidor das referidas deficiências, que foram ocasionadas por dois acidentes vasculares cerebrais (doravante AVCs) isquêmicos sofridos.

Museus, tal como entendidos pela sociedade hoje, são locais voltados para a aquisição, a conservação e a pesquisa das peças que compõem o seu acervo e que abarcam os mais distintos tipos, além de voltarem-se também à difusão do conhecimento inerente a tais peças. Essas instituições apresentam um longo percurso histórico até sua chegada à configuração atual, e é certo que muitas outras mudanças acontecerão nos próximos anos para atender às diversas necessidades da sociedade contemporânea.

Segundo Baltazar (2014), a origem do museu remonta às musas, que eram filhas de Zeus, o mais poderoso dos deuses gregos, e Mnemosine, a deusa da memória. Na Grécia Antiga, os templos dedicados às musas tinham ao seu lado espaços disponibilizados para exposição de peças valiosas. Com a ascensão de Roma, um Estado então agressivo e conquistador, cada vez mais passaram a ser expostos os artefatos que eram fruto das conquistas nas campanhas militares. Como é possível observar nos exemplos sobre suas origens, desde sua concepção o museu prestou uma contribuição importante para o entendimento do mundo: no caso dos gregos, um reconhecimento ao divino presente em suas vidas; já em Roma, para reafirmar a potência e o vigor de sua civilização. O papel desempenhado pelo museu à época, para a compreensão do mundo, permaneceria nos séculos seguintes e se manteria até os dias atuais.

Na Idade Média, três locais se notabilizaram pelos acervos constituídos: os palácios dos governantes, as igrejas e os gabinetes de curiosidades dos mais ricos da sociedade. As coleções, por sua vez, serviam para demonstrar a relevância e o poder das classes sociais dominantes, que eram a realeza, a igreja e a nobreza (seguida ainda pela burguesia). Já na Idade Moderna, os museus, influenciados pelo Iluminismo, adquiriram um contorno mais próximo ao



atual. Em um mundo em transformação, adquirir mais informação e conhecimento se fazia fundamental, e assim surgiram os primeiros museus verdadeiramente abertos ao grande público e com essas características, como o parisiense Museu do Louvre.

No Brasil, os museus de então origem portuguesa começaram a surgir no século XIX e passaram a expandir-se principalmente a partir do século XX em um processo que acompanhava não somente uma tendência histórica, como também nacional, em especial após a independência brasileira de Portugal e, mais tarde, com a Proclamação da República. Nas últimas décadas, o que se observa é que os museus buscam se adaptar às novas necessidades sociais para continuarem a prestar uma contribuição relevante no que concerne à pesquisa e à informação da sociedade em acelerado processo de transformação. Diante disso, há, por exemplo, o surgimento de museus virtuais e a ampliação do acesso e dos serviços a pessoas portadoras de deficiência, objeto de estudo do presente relato.

De acordo com Martins (2013), foi a partir da década de 1980, e mais notadamente no início do século XXI, que os museus começaram a buscar maneiras para integrar as pessoas com deficiência, permitindo uma experiência mais enriquecedora para esse público que, até aquele momento, era majoritariamente desconsiderado pelos museus, assim como por outras instituições. Por conseguinte, a ação dos museus passou a ser uma maneira de promover a inclusão social de pessoas com deficiência (KIRST, 2010; MARTINS, 2013; VLACHOU; ALVES, 2007). A literatura disponível apresenta uma série de iniciativas para proporcionar a aproximação entre os museus e os portadores de deficiência, em especial física (ROCHA, 2015) e visual (KASTRUP, 2010). Inclusive, em uma breve pesquisa pelas redes sociais, é possível encontrar organizações como a “Museus acessíveis” (SARRAF, [2021]), que, em parceria com museus e empresas, procuram possibilitar o livre acesso de pessoas com deficiência aos museus brasileiros.

Para explorar essa questão da acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência aos museus, a seguir encontra-se detalhada a metodologia utilizada neste artigo, a fim de compreender o quão efetivas as iniciativas desenvolvidas até o momento são para o caso estudado a partir da experiência de uma visita



realizada a um tradicional museu brasileiro; em seguida, apresenta-se o próprio relato.

DESENVOLVIMENTO

Uma vez que o objetivo deste relato é compreender o quão efetivas são as iniciativas para promover a acessibilidade de pessoas com deficiência aos museus brasileiros, por se tratar de um tema bastante amplo devido à multiplicidade de museus e de tipos de deficiência, foi necessário circunscrever bem a proposta desta pesquisa. Assim, selecionou-se um museu para ser estudado, no caso, o MASP, amplamente conhecido no Brasil e em diversos aspectos uma referência para pesquisadores e para o público em geral. Quanto ao tipo de deficiência que se buscou estudar de modo a verificar como o MASP torna acessível o seu trabalho ao público portador dela, determinou-se a do próprio autor, que, após dois AVCs isquêmicos, é portador de deficiência visual (perda de 45% do campo visual esquerdo de ambos os olhos) e neurológica (perda parcial da memória episódica, também chamada de “memória de curto prazo” ou “memória de trabalho”).

Para realizar esta pesquisa, o método utilizado foi o relato de experiência (MARINHEIRO; SANCHES; ARCHANJO, 2015), no qual o pesquisador tem contato direto com o objeto de estudo, neste caso, os tipos de ações facilitadoras aos portadores de deficiência empreendidos pelo MASP. Desse modo, em junho de 2019, foi realizada uma visita ao museu, que naquele momento exibia uma exposição sobre a obra completa de Tarsila do Amaral. A experiência vivida foi registrada e incluiu cada uma das etapas da visita: a aquisição do ingresso, a entrada no museu, a visita à exposição e a saída. Em cada momento, foram observadas as condições oferecidas para um portador desse tipo de deficiência. Em seguida, para explorar ainda mais o tema e tornar a pesquisa mais consistente, o responsável por cada seção foi questionado ou sobre as práticas adotadas, ou sobre as adotadas e não efetuadas, ou ainda sobre a inexistência delas, assim como os motivos para o procedimento em questão.

Com isso, espera-se ampliar o entendimento sobre o acesso dos portadores de deficiência aos museus, expandindo a discussão para além das deficiências mais estudadas, como a visual total e a física, ao analisar como o



MASP, um dos principais museus brasileiros, trata o portador de uma necessidade especial não aparente (e, nesse caso, neurológica) fruto de AVCs. A seguir passa-se aos resultados do relato de experiência em si.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A visita aqui relatada ao MASP aconteceu no mês de junho de 2019. Preparando-se para o evento, o autor levou seu caderno de anotações, visto que possui uma lacuna de memória episódica (sem explorar em demasia o tema, que não é o foco do trabalho, trata-se de uma deficiência de memória de curto prazo) e, assim, poderia anotar cada etapa da visita para lembrar o que foi visto e como foi a experiência ao ler seus registros posteriormente.

Ao chegar ao destino, havia duas filas na bilheteria do museu: uma para pessoas com algum tipo de necessidade especial e outra para as demais pessoas. Na ausência de um funcionário designado pelo MASP para o direcionamento de pessoas para essas filas, considerando que sua deficiência não é aparente e não havia alguém para quem pudesse explicar sua condição, optou pela fila das “demais pessoas” que, naquele momento, tinha 20 componentes. Ao chegar a sua vez de pagar pelo ingresso, explicou sua deficiência visual para a responsável pelo caixa, pois apresenta certa dificuldade em enxergar a máquina do cartão de débito. Ela assentiu e nada fez para auxiliá-lo, conquanto também não reclamou pela demora ao digitar a senha.

Passada essa primeira etapa, o autor dirigiu-se até a entrada e, após apresentar o ingresso, explicou para o responsável que é portador de uma deficiência visual não aparente e pediu para ser acompanhado durante a visita. O funcionário se mostrou compreensivo e chamou uma pessoa pelo rádio para acompanhá-lo. Após uma espera de cerca de trinta minutos, e como ninguém se encaminhava até lá para atendê-lo, o autor questionou novamente o funcionário da entrada, que explicou não haver alguém responsável pelo atendimento a portadores de deficiência, mas que estava procurando um dos monitores regulares para acompanhá-lo. Esse funcionário registrou ainda que o MASP carece de medidas adequadas para o atendimento aos diversos tipos de portadores de deficiência e mencionou, como exemplo, a inadequação do piso



externo para a circulação de cadeirantes, que é irregular. Finalmente, o monitor, que chamaremos de R., chegou, apresentou-se e acessaram o acervo do MASP.

O autor perguntou a R. se ele possuía um *folder* sobre a exposição da obra de Tarsila do Amaral para que não precisasse anotar os detalhes das obras expostas, tendo em vista sua deficiência de memória; o monitor respondeu não possuir um. Continuou e comentou que o MASP não tem uma estratégia desenvolvida para atender pessoas com deficiência, mas que os dirigentes da instituição estavam avaliando como fazer isso em um futuro próximo.

R. apresentou as primeiras obras, explicando detalhadamente não apenas sua descrição, como também o contexto em que cada uma havia sido feita. Relatou que fazia o mesmo tipo de atendimento para pessoas com deficiência visual mais acentuada e que, assim como no caso do autor, respondia a perguntas a partir das descrições feitas. Constatou a falta de uma política específica mesmo para o deficiente visual, o que, no seu entendimento, era parcialmente solucionado pelas suas ações e pelas dos demais monitores. R. reforçou que tinha grande interesse em atender portadores de deficiência e que estava se especializando nesse tipo de trabalho através de cursos e vivências práticas dentro do próprio MASP. Como ele demonstrava muito entusiasmo sobre o tema, o autor solicitou que o monitor falasse mais pausadamente para que pudesse anotar os pontos principais que estavam sendo colocados, pois, caso contrário, em função do problema de memória, poderia esquecer o que estava sendo explicado. Novamente, o monitor se demonstrou empático, explicou tudo outra vez, de forma mais lenta, e esperou a tomada de notas para avançarem para as próximas salas onde as obras estavam sendo expostas.

Quando concluída a visita, sempre dentro da mesma dinâmica, o monitor voluntariamente explicou como funcionavam os demais museus de São Paulo – ou pelo menos os que ele havia estudado ou visitado. De acordo com R., na maior parte dos museus, a falta de um atendimento específico para pessoas com deficiência era a regra, ainda que alguns poucos estabelecimentos oferecessem uma estrutura mais adequada que a do MASP para o portador de deficiência. Citou alguns exemplos, mas destacou que, em sua maior parte, eram iniciativas que deveriam ser melhoradas, como no caso de um outro museu que era preparado para atender deficientes auditivos, mas não os demais. Encerrou sua fala destacando que já havia acompanhado outras pessoas com deficiência não



aparente e que aquele, portanto, não era necessariamente um caso extraordinário: todos os dias pelo menos uma pessoa com algum tipo de deficiência que não pode ser identificada de imediato visitava a exposição.

O autor agradeceu a atenção de R., que o acompanhou até a saída do museu para a sua retirada. Encerrado o relato, a seguir são apresentadas as considerações finais pertinentes à experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou demonstrar, através de um relato de experiência, como um tradicional museu nacional de referência, tal qual o MASP, atende os portadores de algum tipo de deficiência que o visitam. Diante das diversas deficiências que podem acometer o ser humano, o autor, portador de uma deficiência não aparente, relatou sua própria experiência de visita.

A partir da visita à exposição das obras de Tarsila do Amaral, pode-se constatar que não existe no MASP qualquer suporte dedicado e específico aos portadores de deficiência, quer seja ela aparente ou não. Ademais, pouco ou mesmo nada é feito para propiciar uma experiência eficaz a qualquer tipo de portador de deficiência, mesmo aquelas mais conhecidas, como a visual ou a de mobilidade.

O MASP supre parcialmente tais necessidades através do conhecimento e da boa vontade de seus monitores e do restante de sua equipe, que buscam, apesar das suas limitações técnicas e de suporte, atender da melhor forma esse tipo de visitante. Mesmo com esse esforço individual, ainda assim há brechas na visita, como a ausência de estrutura e de treinamento adequado puderam demonstrar.

Por fim, diante das considerações depreendidas nessa experiência, sugere-se que este trabalho seja complementado no âmbito acadêmico com novos estudos qualitativos para diferentes museus nacionais de modo a realizar-se um diagnóstico mais amplo e estruturado da real situação museológica brasileira no que concerne ao atendimento de pessoas portadoras de deficiência. A partir dos relatos obtidos durante a visita, é possível que não existam – ou que existam em quantidade insuficiente – museus que tenham um trabalho dedicado a esse público.



Outra possível linha de investigação a derivar deste trabalho pode envolver conhecer-se não somente as iniciativas em curso, empreendidas pelas instituições museais, como também as demais realizadas por organizações da sociedade civil. Um diagnóstico mais amplo pode oferecer um ponto de partida para a reflexão e a elaboração de políticas públicas e organizacionais que promovam a inserção do portador de deficiência no ambiente museal, o que pode ser enriquecido com análises do que já é feito com sucesso em outros países e também no Brasil.

Quanto a essas políticas, deve-se considerar ainda que, dado o aumento de conscientização por parte da sociedade em relação às necessidades dos portadores de deficiência, este é um momento propício para que elas sejam elaboradas e colocadas em ação. Conforme proposto, pode-se partir de iniciativas em outros museus dentro e fora do Brasil, como também de outros empreendimentos, públicos ou privados, que porventura se encontrem em estágio mais avançado no que diz respeito ao atendimento e à viabilização da experiência do portador de deficiência, ou melhor, de todos os diversos tipos de pessoas portadoras de deficiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTAZAR, A. **Patrimônio cultural**: técnicas de arquivamento e introdução à museologia. Batatais: Claretiano, 2014.

KASTRUP, V. Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. **Informática na educação**: teoria e prática, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 38-45, 2010.

KIRST, A. C. **As aprendizagens do público com deficiência visual**: uma experiência de diálogo com a arte contemporânea. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2010.

MARINHEIRO, C. A.; SANCHES, E. L.; ARCHANJO, R. M. **Metodologia da pesquisa científica**. Batatais: Claretiano, 2015.

MARTINS, P. R. A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência. **Midas**, Évora, v. 2, p. 1-11, 2013.

ROCHA, N. J. S. **Acessibilidade aos museus**: um caminho para a inclusão social. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.



SARRAF, V. Homepage. **Museus acessíveis**, São Paulo, [2021]. Disponível em: <http://www.museusacessiveis.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2021.

VLACHOU, M.; ALVES, F. Acessibilidade em museus. *In*: BARRIGA, S.; SILVA, S. G. (Orgs.). **Serviços Educativos na Cultura**. Coleção Públicos nº 2. Porto: Setepés, 2007. p. 98-102.